

Construções de metátese na gíria juvenil peruana: uma análise otimalista

Constructions of metathesis in Peruvian youth slang: an optimalistic analysis

Thayssa Taranto *

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo demonstrar de que maneira o fenômeno da metátese atua em itens lexicais oriundos da gíria juvenil peruana (a chamada *jeringa*), utilizando para isto o instrumental teórico da Teoria da Otimalidade (GONÇALVES *et al.*, 2009; CAGLIARI, 2002; COSTA, 2001). Mais especificamente, demonstraremos por que determinadas formas linguísticas emergem na fala de seus usuários em detrimento de outras aparentemente possíveis. A metátese é um processo formal que consiste na reordenação das sílabas ou dos segmentos de uma determinada palavra (CRYSTAL, 1988) cuja finalidade pode ser encobrir seu significado real (função críptica), imprimir-lhe novas conotações (função identitária) ou simplesmente “brincar” com o interlocutor (função lúdica) (CALVET, 1994). Como exemplo disto, observamos a utilização das formas “*cofla*” e “*dorima*” em lugar de *flaco* (rapaz) e *marido* (*cônjuge*), respectivamente. Para a realização desta pesquisa, analisamos, com base em restrições elencadas hierarquicamente, palavras dissílabas extraídas da *coluna de fofocas Ya fuiste*, a qual é diariamente publicada no tabloide *Ajá*, jornal de caráter popular altamente difundido na capital peruana. Quanto aos resultados desta pesquisa, observamos que as formas analisadas obedecem tanto às restrições da língua espanhola quanto ao fenômeno em si, isto é, são compostas de apenas um pé silábico e possuem um limite com relação à reordenação de seus segmentos ou sílabas, uma vez que reordenamentos drásticos tornariam a palavra irreconhecível para o falante/ouvinte, prejudicando sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação por ele (HUME, 2001).

PALAVRAS-CHAVE: Língua Espanhola; Argot; Teoria da Otimalidade; Metátese.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate how the phenomenon of metathesis operates on lexical items from the Peruvian youth slang (called *jeringa*), using for it the

* Mestre em Linguística pela Universidade Federal Fluminense. Possui graduação em História e especialização em Língua Espanhola e Literaturas Hispânicas pela mesma universidade. Temas de interesse: Teoria e análise linguística, Fonologia não linear, Teoria da Otimalidade, Linguística Cognitiva, Estudos do Léxico em geral. E-mail: tveriakova@hotmail.com

theoretical tools of Optimality Theory (GONÇALVES et al., 2009; CAGLIARI, 2002; COSTA, 2001). More specifically, we'll demonstrate that certain linguistic forms emerge in the speech of its users over others seemingly possible. Metathesis is a formal process which consists in reordering of syllables or segments of a specific word (CRYSTAL, 1988) whose purpose may be obscure its real meaning (cryptic function), print on it new connotations (identity function) or simply "play" with the caller (playful function) (CALVET, 1994). As an example, we observe the use of the forms "*cofla*" and "*dorimá*" instead of *flaco* (boy) and *marido* (husband), respectively. For this research we analyzed, based on restrictions hierarchically listed, two-syllable words extracted from the *gossip column Ya fuiste*, which is daily published in the *Ajá* tabloid, a widespread newspaper of high popular character in the Peruvian capital. Regarding the results of this research, we have found that the shapes analyzed obey both restrictions of the Spanish language as the phenomenon itself, being composed of only one syllable foot and have a limit regarding the reordering of its segments or syllables, since drastic rearrangements that would make the word unrecognizable to the speaker/listener, hampering their identification and, consequently, their acceptance by the same (HUME, 2001).

KEYWORDS: Spanish Language; Slang; Optimality Theory; Metathesis.

A *jeringa*: um código nada convencional

A *jeringa*¹, como é chamada a gíria juvenil peruana, é basicamente um *argot* (isto é, uma "língua especial", de grupo), sendo empregada, via de regra, por indivíduos das camadas populares limenhas com o objetivo de afirmar sua identidade frente à cultura instituída, criar laços de cumplicidade com o interlocutor ou expressar sua visão de mundo. A fim de ampliar seu repertório lexical, os usuários desse *argot* fazem uso de processos de criação² que podem incidir ora sobre o sentido, ora sobre a forma de uma palavra. De acordo com Calvet (1994), trata-se de um subsistema³ que respeita as estruturas

¹ O nome *jeringa* se explica pela sua analogia sonora com as palavras *jerga* e *jerigonza*, com as quais compartilha a sequência fônica inicial [hɛˈr].

² Tais processos podem ser os mesmos que incidem sobre a língua corrente (derivação e composição, por exemplo), ou podem ser, ainda, processos incomuns de criação lexical (metátese, truncamento etc.), sendo estes últimos considerados por certos autores como inusitados ou irregulares.

³ Segundo Coseriu (1980), as línguas históricas (também chamadas de línguas naturais) devem ser compreendidas como diassistemas, isto é, estruturas mais ou menos complexas compostas de "dialetos", "níveis" e "estilos". Esse tipo de língua sempre apresenta variedades internas pertencentes a, pelo menos, três eixos, que são o diatópico (geográfico), diastrático (social) e diafásico (estilístico). Essas diferenças constituem verdadeiras "sublínguas" (ou subsistemas) dentro de uma mesma língua, sendo chamadas de "línguas funcionais". Ainda que as "línguas funcionais" se relacionem aos três eixos da variação linguística, algumas delas estão ligadas de

fonológicas, morfológicas e sintáticas da língua, diferenciando-se, porém, no plano lexical.

Quanto a seus usuários, observamos que a *jeringa* foi concebida originalmente no interior de grupos juvenis, tendo por base elementos da *replana*, isto é, a gíria dos marginais peruanos. Segundo Gálvez (2002), a adoção de termos do *argot* marginal por parte dos jovens tem a ver com um entendimento deturpado do conceito de masculinidade, que, no universo da delinquência, se manifesta através da prática da brutalidade, do sarcasmo, da insolência e do cinismo. Dessa forma, a linguagem juvenil incorpora termos desse socioleto, recriando-os e adaptando-os às suas próprias necessidades expressivas⁴.

Nos últimos anos, porém, a *jeringa* tem adquirido bastante popularidade não apenas entre os adolescentes e jovens das classes populares, mas também entre grupos de adultos e entre certos indivíduos pertencentes às classes mais favorecidas. Assim sendo, esse *argot* começa a ultrapassar os limites do juvenil e passa a ser empregado, também, como uma espécie de código “da malandragem”, isto é, uma forma de falar que permite ao indivíduo demonstrar sua “viveza” frente ao ambiente hostil da capital peruana⁵, além de aproximar e integrar gerações e classes sociais distintas. Tanto isso é verdade que muitos de seus termos têm sido adotados hoje pelas mídias impressa e televisiva, aparentemente como um recurso para estabelecer a cumplicidade com o leitor ou espectador, sobretudo com aqueles oriundos das classes populares.

Segundo Vila e Castañeda (2006), o interesse pelo estudo de *argots* do

forma mais acentuada a eixos específicos do diassistema: o *argot*, por exemplo, está bastante ligado aos meios sociais, daí ser considerado um socioleto.

⁴ Além da forte influência da *replana*, a *jeringa* conta ainda com termos do *argot criollo* (isto é, o falar pícaro dos limenhos), do *quéchua* e alguns estrangeirismos, estes últimos difundidos, sobretudo, pelos meios de comunicação.

⁵ Como qualquer metrópole latino-americana, Lima sofre hoje com uma série de problemas sócio-econômicos, consequência, sobretudo, das migrações internas, as quais resultaram num crescimento desordenado da capital. Além da invasão dos espaços públicos, da informalidade na economia, do colapso dos serviços e do aumento da mendicância e da delinquência, as migrações produziram ainda profundas alterações no estilo de vida da população *criolla*, o que contribuiu para estabelecimento de um *apartheid* étnico-geográfico pelas classes altas na tentativa de inviabilizar a ocupação comum dos espaços e a integração cultural com esses novos habitantes (NUGENT, 1991 apud BALBÍ, 1997).

mundo hispânico tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, haja vista a quantidade de dicionários publicados tanto na Espanha quanto em países do continente americano. Entretanto, as pesquisas produzidas no Peru sobre o tema têm-se voltado quase sempre para um trabalho exaustivo de criação e atualização de glossários (e por que não dizer interminável, devido à efemeridade de seu léxico), para o estudo dos campos léxico-semânticos que a perpassam ou para seu ordenamento taxonômico com base nos recursos linguísticos utilizados em sua composição. Neste último caso, observamos com frequência a tentativa de se mapearem processos de formação de palavras, sobretudo os que integram o vocabulário dos marginais (a chamada *replana*, da qual já falamos anteriormente), a exemplo dos trabalhos de Bendezú (1977), Carrión (1978), Ramírez (1996) e Gálvez (2002).

Quanto a esses processos, alguns têm sido tomados como irregulares pelas teorias tradicionais, uma vez que seus dispositivos não são capazes de oferecer uma explicação satisfatória para os fenômenos aos quais se referem. Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar os casos de metátese encontrados na *jeringa*, por ser aquela uma operação não passível de formalização pelas teorias serialistas ou derivacionais. Para tal, utilizaremos as ferramentas da Teoria da Otimalidade (GONÇALVES *et al.*, 2009; CAGLIARI, 2002; COSTA, 2001), uma vez que esta teoria lida com demandas de vários níveis, não levadas em conta nas análises baseadas em RFPs (regras de formação de palavras).

A metátese: definição do conceito

Segundo a perspectiva tradicional (ABAD, 1986; CRYSTAL, 1988; DUBOIS, 1994), a metátese tem sido caracterizada como um processo de permutação ou deslocamento de sons no interior de uma palavra, devendo ocorrer sob condições específicas. Exemplos de metátese podem ser encontrados nos estudos de linguística histórica, como é o caso de *sempre* (do latim *semper*), *quebrar* (do latim *crepare*) e *primeiro* (do latim *primariu*). São

também consideradas metáteses o produto de “erros” de desempenho como é o caso de “*largatixa*” (em lugar de ‘lagartixa’), “*estauta*” (em lugar de ‘estátua’) e “*drobar*” (em lugar de ‘dobrar’).

Porém, de acordo com Hume (2001), a definição anterior pode ser considerada simplista e se deve tanto à natureza distinta desse processo quanto à sua (alegada) menor aparição no plano sincrônico se comparado a outros processos, tais como a assimilação, a dissimilação e o apagamento. A consequência disso é que nenhuma teoria fonológica, seja ela de base linear ou não linear, conseguiu ainda formalizar o fenômeno de modo a fornecer uma explicação unificada do fenômeno. Por conta disso, a metátese continua a ser vista como um processo esporádico e irregular, restrito a “erros” de performance (em inglês denominado de *spoonerisms*), à fala infantil ou a mudanças sonoras provocadas por restrições na estrutura fonotática da língua.

Segundo Hora, Telles e Monaretto (2007), entretanto, o uso da metátese não pode ser considerado aleatório, uma vez que decorre da conjugação entre fatores estruturais e sociais. Para esses autores, há restrições que claramente condicionam sua ocorrência, como, por exemplo, a direcionalidade, o domínio prosódico e o contexto segmental. No que tange ao social, demonstram que o uso de metátese limita-se apenas a variedades não padrão do Português Brasileiro, não se firmando, portanto, como um processo lexical nessa língua.

À semelhança do Português Brasileiro, nas demais línguas de origem latina, como o espanhol e o francês, a metátese parece realmente restringir-se ao nível diastrático, haja vista sua presença em socioletos como o *verlan*, o *lunfardo* e a *jeringa*. Nesses casos, a utilização da metátese geralmente tem como objetivo encobrir o significado real de uma palavra (função críptica), imprimir-lhe novas conotações (função identitária) ou, ainda, “brincar” com o interlocutor (função lúdica) (CALVET, 1994). Isso se deve ao fato de a metátese ser fortemente regulada por fatores externos à fonologia, isto é, aqueles que envolvem percepção, produção, cognição e sociedade (HUME, 2001).

Por outro lado, não podemos desprezar o fato de que muitas línguas modernas têm lançado mão desse recurso também com a finalidade de

promover ajustes fonéticos, e é com base nesses casos que o caráter marginal tradicionalmente conferido à metátese deve ser questionado. Existem dezenas de outras línguas em que a reordenação segmental é comum, como é o caso do *Aymara* e do *Quéchua* (cf. DAVIDSON, 1977), do Árabe palestino (cf. HERZALLAH, 1987; YOSHIDA, 1993), do *Cherokee* (cf. FOLEY, 1980; FLEMMING, 1996), do Georgiano (cf. HEWITT, 1995; BUTSKHRIKIDZE; VAN DE WEIJER, 2001), do Hebreu (cf. BAT-EL, 1989; 1992; DOR, 1993) e do Húngaro (cf. VAGO, 1980)⁶. Diante de tantos exemplos, conclui-se que a metátese está muito mais presente no plano sincrônico do que supõem certos autores⁷.

Teoria da Otimalidade: uma breve introdução

Surgida no início dos anos 90 com Prince e Smolensky (cf. GONÇALVES *et al.*, 2009; CAGLIARI, 2002; COSTA, 2001), a Teoria da Otimalidade (doravante TO) caracteriza-se por seu caráter ambicioso e inovador, uma vez que pretende, através de um número limitado de ferramentas (as chamadas restrições universais), analisar todo e qualquer fenômeno linguístico existente, independentemente de sua natureza ou da língua em questão.

A TO é um quadro teórico de inspiração não derivacional cujo diferencial é a utilização de restrições em vez de regras ou princípios no tratamento dos mais variados fenômenos linguísticos. A TO trabalha com restrições universais elencadas hierarquicamente (segundo sua relevância na língua ou no fenômeno estudado) cuja principal característica é a possibilidade de violação pelos candidatos, isto é, potenciais *outputs* para o *input* a ser analisado. O *input* é a forma subjacente e os *outputs* são formas de superfície, isto é, possibilidades na língua para um determinado *input* apresentado.

⁶ Na página <<http://metathesisinlanguage.osu.edu/database.cfm>>, desenvolvida por pesquisadores da Universidade de Ohio, existe um banco de dados contendo uma lista de línguas em que aparece o fenômeno da metátese, bem como uma pequena explicação sobre como ela atua em cada caso e as respectivas referências bibliográficas.

⁷ Para informações sobre tais autores, ver Hume (2001).

A violação de uma determinada restrição, no entanto, só será permitida na medida em que tiver como objetivo satisfazer uma restrição mais alta na hierarquia. Assim, um candidato só poderá ser considerado ótimo caso os demais tenham violado restrições dominantes na escala hierárquica, ainda que este mesmo candidato venha a violar depois outra restrição qualquer.

Quanto aos tipos de restrição existentes, observamos dois grandes grupos principais, que são as restrições de fidelidade (segundo as quais o *output* deve ser o mais fiel possível ao *input*) e as de marcação (segundo as quais o *output* deve respeitar maximamente os padrões da língua). As restrições denominadas LIN (linearidade) e CONTIG (contiguidade), por exemplo, dizem respeito ao grau de fidelidade entre *input* e *output*, enquanto NOCOMPLEX (não complexidade da sílaba), ONSET (obrigatoriedade de ataque) e CODACOND (condições sobre a coda) voltam-se para questões estruturais relacionadas à língua.

O processo de avaliação, na TO, é apresentado sobre a forma de *tableau*, em que cada candidato é analisado de acordo com o *ranking* de restrições ali presente. É considerado ótimo o candidato que melhor satisfizer a hierarquia restrições responsáveis pela avaliação, como observamos no exemplo hipotético abaixo:



<i>Input</i>	Restrição A	Restrição B	Restrição C
Candidato 1	*!		**
Candidato 2 			****
Candidato 3		*!	*

Tabela 1: Exemplo de *tableau*

No *tableau* em questão, o candidato 2 é considerado ótimo (daí estar indicado pelo símbolo ) , pois, embora apresente um maior número de violações se comparado aos demais (as violações estão representadas por asteriscos), observa-se que nenhuma destas violações incide sobre restrições

altamente ranqueadas na escala hierárquica, diferentemente dos candidatos 1 e 3, em que houve uma violação fatal (representadas por um asterisco e um sinal de exclamação). Em ambos os casos, as áreas hachuradas indicam que tais restrições não possuem já qualquer poder de interferir no desempenho daqueles candidatos, uma vez que restrições anteriores determinaram já a sua eliminação da “disputa”.

Devido a seu caráter paralelista, vemos que a TO pode ser considerada uma teoria muito mais econômica se comparada às demais, pois através dela é possível trabalhar com diversos níveis de análise linguística de uma só vez (fonético, morfológico, prosódico etc.) em lugar de se aplicar regra por regra como fazem os modelos serialistas.

Outra vantagem de se empregar a TO na análise de fenômenos linguísticos advém da utilização de restrições em vez de regras, pois dessa forma nenhuma estrutura analisada poderá ser considerada agramatical simplesmente por não obedecer a uma determinada regra ou princípio, algo impensável sob a perspectiva tradicional.

Por último, a TO nos permite entender porque certa forma é “preferida” pelo falante em detrimento de outra com base nas restrições da própria língua ou do fenômeno em questão.

Seleção das restrições e montagem da hierarquia

Essa seção tem por objetivo apresentar, sob a perspectiva da TO, as restrições atuantes na formação de palavras dissílabas na *jeringa* mediante o processo de metátese. O levantamento das restrições atuantes no processo analisado será feito com base nos dados retirados do *corpus*, pois, de acordo com essa teoria, são as próprias formas de superfície (*output*) as responsáveis por revelar as restrições relevantes no fenômeno em questão (GONÇALVES; PIZA, 2009). Em outras palavras, é somente com base na fala que podemos perceber quais restrições estão em jogo naquele processo e de que forma elas se organizam a fim de permitir a emergência do candidato ótimo.

Segundo Calvet (1994), o *argot* é de uso basicamente oral, de modo que sua transcrição para a linguagem escrita será sempre problemática. De acordo com o autor, perde-se muito ao passar-se de um registro a outro, pois é comum encontrar no *argot* fenômenos essencialmente fonéticos, tais como elisões, quedas de consoante, variações vocálicas, entre outros. Por essa razão, optamos por utilizar como *corpus* palavras extraídas da *coluna de fofocas Ya fuiste*, a qual é diariamente publicada no jornal *Ajá*, tabloide limenho de caráter popular⁸. Apesar de constituir uma fonte escrita, a coluna em questão apresentou-se como uma excelente fonte de dados, pois vemos ali o esforço em representar-se graficamente cada um dos processos encontrados na *jeringa* com razoável fidelidade⁹. Para efeito de quantificação, utilizaremos dados coletados dos textos publicados durante um mês (entre os dias 08/06 e 08/07/10) na edição *on-line* do referido jornal.

Foram encontradas no *corpus*, ao todo, treze palavras apresentando metátese, sendo 11 dissílabas e três trissílabas¹⁰. Entre as dissílabas estão "jérma" < *mujér* 'mulher', 'namorada' (4 ocorrências), "télo" < *hotél* 'motel' (1 ocorrência), "lórcho" < *chólo* 'migrante andino' (2 ocorrências), "tégen" < *génte* 'gente' (8 ocorrências), "lléca" < *cáлле* 'rua' (1 ocorrência), "záfuer" < *fuérza* 'força' (1 ocorrência), "yápla" < *pláya* 'praia' (1 ocorrência), "cófla" < *fláco* 'moço', 'namorado' (1 ocorrência) e "lláuca" < *Calláo* 'cidade vizinha a Lima' (2 ocorrências), "[a la] mérfi" < [a la] *fírme* 'de fato', 'de verdade' (10 ocorrências)

⁸ A expressão *Ya fuiste* é largamente utilizada pelos jovens e significa algo como "Você já era", numa alusão aos artistas que são alvo das fofocas da colunista. O termo *Ajá*, por sua vez, pode ser considerado tanto uma interjeição de surpresa (sendo nesse caso acompanhado de sinais de exclamação) quanto um advérbio de afirmação.

⁹ Além da presença de termos da *jeringa*, a referida coluna chamou nossa atenção devido à espontaneidade da linguagem, a julgar pela quantidade de onomatopeias, exclamações, reticências, alterações fonéticas etc. A impressão que se tem é que esses elementos foram empregados de forma proposital pela autora com o objetivo de simular a linguagem oral, visando a estabelecer assim uma maior cumplicidade com o leitor. Para efeito de ilustração, podemos enumerar palavras e expressões tais como "iAyayayy!", "iUhhmmm!", "iNooo, pues!", "iFuuiiraaa!", "Cheesu...", "iQuéee!", "Qué bueeena...", "Ja, ja, ja", entre muitas outras.

¹⁰ A partir deste momento, todos os exemplos de metátese (bem como a palavra original) portarão acento agudo com o objetivo de indicar a sílaba tônica das palavras, ainda que tal sílaba não seja acentuada graficamente.

e "[me] *tácuen*" < [me] *cuéntan* 'me contam' (3 ocorrências)¹¹. Entre as trissílabas estão "*toláca*" < *caláto* 'nu' (1 ocorrência), "*doríma*" < *marído* 'cônjuge' (2 ocorrências) e "*chopróve*" < *provécho* 'proveito' (1 ocorrência).

No artigo em questão, analisamos apenas as formas mais relevantes para a compreensão do fenômeno, que são os *outputs* dissílabos "*jérma*" (< *mujér*), "*télo*" (< *hotél*) e "*tácuen*" (< *cuéntan*). Quanto às formas trissílabas, optamos por nos dedicarmos à sua análise em futuros trabalhos sobre o tema.

As formas dissílabas produzidas a partir de metátese devem possuir, segundo esse *argot*, acentuação paroxítona, ainda que o *input* seja oxítono. Exemplo disso é o que ocorre em *mujér* 'mulher', que após metátese, transforma-se em "*jérma*", fato que demonstra uma preocupação com questões rítmicas. Sendo assim, consideramos que a primeira restrição será $RhTYPE=Ts$, segundo a qual o pé métrico¹² de toda forma emergente deve ser um troqueu do tipo silábico, isto é, deverá apresentar proeminência inicial (GONÇALVES; ANDRADE; RONDININI, 2009). Dessa forma, ocorre violação nos casos em que a última sílaba for tônica, pois nesse caso teríamos um iambo em vez de um troqueu, como em "*jermú*".

Outro aspecto do padrão que importa ressaltar é sua forte resistência à homonímia: por ser a metátese um processo de formação de palavras, seu resultado sempre vai se apresentar como uma forma nova na língua, isto é, não haverá coincidência entre formas criadas e palavras pré-existentes. Exemplo

¹¹ O fato de as palavras *cuéntan* e *firme* aparecerem em meio a locuções não exerce qualquer influência no resultado da análise otimalista, uma vez que a análise foi realizada com base no produto da metátese, e não da locução como um todo. Preferimos, porém, deixar claro que essas palavras fazem parte de uma locução por razões de ordem semântica.

¹² Segundo Hayes (1987; 1995 apud SACEDA, 2005), o pé (Σ) é uma categoria prosódica intermediária entre a palavra e a sílaba e constitui a unidade rítmica básica de uma língua. Trata-se de uma agrupação binária de elementos, que podem ser moras ou sílabas; se estiver composto de sílabas, apenas uma delas será considerada tônica, podendo haver proeminência à esquerda ou à direita. De acordo com a posição do núcleo proeminente, o pé pode ser trocaico (quando a sílaba tônica está situada à esquerda) ou iâmbico (quando a sílaba tônica está situada à direita). No primeiro caso, o troqueu pode ser silábico (não há sensibilidade ao peso silábico [ex.: estas]) ou moraico (por ser sensível ao peso silábico, deverá ser maximamente bimoraico, podendo estar composto de uma sílaba bimoraica [ex.: sol] ou de duas monomoraicas [ex.: casa]). Já no caso do iambo, admite-se apenas uma forma, podendo estar representada por uma sílaba pesada [ex.: sol], duas leves [ex.: café] ou uma leve e uma pesada [ex.: canal].

disso é o que ocorre com a palavra *sáco* 'paletó', que após ser submetida ao processo de metátese transforma-se em "*córsa*", em vez de "*cósa*" (MENDOZA; GÁLVEZ, 2005). Nesse caso, a inserção de uma epêntese em rótico (nesse caso, um 'r' simples) no meio da palavra invertida (na posição de coda da sílaba tônica) parece ser um recurso para evitar a homonímia, o que ocasiona o aparecimento de uma forma diferente de outra pré-existente, que seria um candidato esperado¹³.

Com base nos exemplos encontrados em nosso *corpus*, pode-se afirmar que nenhum deles coincide com uma forma da língua e poucos são os casos em que a primeira sílaba da palavra é idêntica a alguma forma de uso corrente. Exemplo disso é a preferência por "*mérffi*" em vez de "*méfir*" (no lugar do *input firme*), bem como por "*tácuer*" em vez de "*técuar*" (no lugar do *input cuéntan*), uma vez que *me* e *te* são clíticos na língua espanhola.

Assim sendo, concluímos que outra restrição a integrar nossa hierarquia será *UNIQUENESS*, a qual deverá apresentar-se de forma não hierarquizada com RhTYPE=Ts, uma vez que não parece haver qualquer relação de dominância entre elas. Segundo Belchor (2009, p. 85), esta restrição "promove o bloqueio de determinada forma linguística caso haja, na língua, outra forma com configuração fonológica idêntica", sendo, portanto violada todas as vezes em que o candidato – ou sua sílaba inicial – corresponder a um item lexical ou gramatical pré-existente naquela variedade de espanhol.

Como vimos anteriormente, a essência do processo de metátese está na alteração da ordem das sílabas ou dos segmentos de determinada palavra, de modo que a terceira restrição a compor nossa hierarquia será *LINEARITY*. Nesse caso, devemos marcar uma violação cada vez que um par de segmentos adjacentes do *output* não estiver na ordem em que figura no *input*¹⁴, a exemplo

¹³ Segundo o DRAE (2001), a palavra *córsa* já existe na língua espanhola e significa 'natural da Córsega', sendo, portanto, um gentílico. Talvez por ser uma palavra desconhecida ou com baixa frequência de uso na variedade popular do espanhol peruano, optou-se por utilizá-la no lugar de *cósa* 'coisa', esta muito mais empregada pelos falantes de modo geral.

¹⁴ Para essa restrição, fizemos uma adaptação da definição de McCarthy & Prince, 1995 (cf. GONÇALVES; ANDRADE; RONDININI, 2009, p. 233), segundo a qual LIN será violada sempre que houver uma "troca de posição dos elementos de S1 com relação a S2".

do que ocorre nas formas “*mérff*” e “*méfir*”, candidatos a *output* para o *input firme*. No primeiro caso, assistimos a duas violações, uma vez que os segmentos [i] e [r] não permaneceram adjacentes na palavra nova, bem como os segmentos [r] e [m]. Já no segundo caso, verificamos apenas uma violação, a qual ocorrerá devido à separação dos segmentos [r] e [m] no *output*.

Dessa forma, um candidato cujos segmentos ou sílabas sofreram reordenamento somente conseguirá emergir caso LIN esteja ranqueada numa posição mais baixa em relação às demais restrições, pois se estivesse no topo da hierarquia todos os candidatos seriam penalizados e o candidato ótimo acabaria não emergindo. Em outras palavras, o fenômeno emerge em função da violabilidade de LIN, mas essa violação deverá ser mínima, de modo a assegurar, da melhor maneira possível, o rastreamento da forma de base.

Sendo assim, um aspecto a ser considerado é o número de violações possíveis para essa restrição. Sendo a troca de posição uma característica marcante do fenômeno, LIN será sempre violada, porém o candidato ótimo será aquele a fazê-lo minimamente. Segundo Hume (2001), não existem casos de metátese envolvendo três ou mais violações a LIN, uma vez que reordenamentos drásticos tornariam a palavra irreconhecível para o falante/ouvinte, prejudicando sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação na língua.

Em último lugar, isto é, no final da hierarquia, deverá aparecer uma restrição de natureza estrutural, a saber, *ONSET*. Trata-se de uma restrição que zela pela boa formação das sílabas, evitando, com isso, que venham a emergir formas marcadas (sílabas sem ataque). De acordo com essa restrição, todas as sílabas devem possuir ataque, de modo que haverá violação todas as vezes em que uma sílaba iniciar por vogal, a exemplo do candidato “*ólchd*”, forma não aceita como *output* para o *input chólo*.

De posse das restrições acima elencadas, é possível montar uma hierarquia de análise para os dissílabos, que, de acordo com nossos dados, se apresenta da seguinte forma: *RhTYPE=Ts, UNIQ >> LIN >> ONSET*. Segundo essa representação, as restrições à esquerda dominam as restrições à direita,

sendo *RhTYPE=Ts* e *UNIQ* as restrições mais relevante para o padrão e *ONSET*, a menos relevante.

A partir da seleção das restrições e de seu ordenamento hierárquico, podemos proceder à análise dos dados, trabalho ao qual está dedicada a seção seguinte.

Análise dos dados

Conforme vimos anteriormente, as avaliações dos candidatos são apresentadas em forma de *tableau*, em que (☞) indica o candidato ótimo, (*) representa uma violação a uma determinada restrição e (*!) indica que um candidato violou fatalmente alguma restrição, sendo por isso eliminado da “disputa”. Quando isso ocorrer, as áreas referentes às restrições seguintes deverão estar hachuradas, pois, uma vez eliminado, as demais restrições não terão qualquer poder de interferir no desempenho daquele candidato. Quanto à formalização dos candidatos, a palavra prosódica e o pé estão delimitados por colchetes e parênteses, respectivamente. Já os pontos indicam fronteira entre sílabas, o negrito serve para destacar a sílaba proeminente de cada pé, o acento agudo destaca sílaba tônica da palavra lexical e os números embaixo de cada candidato correspondem à ordem em que os segmentos do *input* figuram no *output*.

Antes de iniciar esta seção, importa ressaltar que nem todas as restrições são abordadas nas análises que seguem, o que ocorre devido ao fato de que determinadas restrições são atuantes em alguns dados, porém não em outros. Esclarecemos, ainda, que tanto a representação fonológica do *input* quanto a transcrição fonética dos candidatos serão feitas com base em Martins (2000).

O primeiro *input* a ser analisado será /kwéNtan/, forma para a qual apresentamos quatro candidatos possíveis, segundo consta no *tableau* abaixo:


<i>Input:</i> /kwéNtan/ 1234567	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(tá.kwen)]  561234			** 4-5; 6-7
b)[(táŋ.kwen)] 5671234		*!	* 4-5
c)[(té.kwan)] 531264		*!	**** 2-3; 3-4; 4-5; 5-6; 6-7
d)[(ta.kwén)] 561234	*!		** 4-5; 6-7

Tabela 2: Análise do *input* /kwéNtan/

No *tableau* em questão, estamos diante de duas restrições hierarquizadas de forma não crucial, isto é, não há uma relação de dominância entre elas, situação que no *tableau* encontra-se representada pelas linhas pontilhadas. Devido a isso, uma violação a RhTYPE=Ts por si só não é suficiente para eliminar o candidato (d) e garantir a permanência dos demais, uma vez que (b) e (c) cometem uma violação cada à UNIQ. O único candidato a não cometer nenhuma violação a esse par de restrições será (a), devendo, portanto, ser considerada a forma “ótima”, isto é, aquela que efetivamente vai emergir na fala.

Observe-se que o candidato (a) não está livre de cometer violações posteriores, como demonstra o *tableau* acima. Apesar disso, essas violações a LIN não possuem qualquer poder de interferir na otimidade desse candidato, visto que os demais candidatos violaram restrições mais altas na hierarquia, fato que ocasionou sua eliminação.

Passemos, agora, à análise do *input* /muxér/, para o qual selecionamos quatro candidatos, conforme pode ser observado no *tableau* que segue:

<i>Input:</i> /muxér/ 12345	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN
a)[(hér.ma)] 34512			* 2-3
b)[(her.mú)] 34512	*!		* 2-3
c)[(húr.me)] 23514			***! 1-2; 2-3; 3-4; 4-5
d)[(ře.hún)] 54321	*!		***! 1-2; 2-3; 3-4; 4-5

Tabela 3: Análise do *input* /muxér/

Semelhantemente ao que ocorre no *tableau* anterior, a contagem de violações para a eliminação de algum candidato deverá dar-se levando em consideração o par de restrições RhTYPE=Ts e UNIQ, uma vez que ambas se encontram no topo da hierarquia. Assim sendo, cometerão uma violação cada a RhTYPE=Ts os candidatos (b) e (d), violação esta que será considerada decisiva para sua eliminação devido ao fato de que os demais candidatos não chegam a cometer nenhuma violação a esse par de restrições.

Com relação a LIN, é importante notar que todos os candidatos cometem alguma infração a essa restrição, inclusive o candidato considerado ótimo. Por conta disso, a eliminação dos candidatos passa a ser determinada não apenas pelo fato de estes haverem ou não violado LIN, mas sim pela quantidade de vezes que essa restrição foi violada.

Observe-se que o maior número de violações é cometido pelos candidatos (c) e (d), porém, em relação a (d), isso não fará qualquer diferença pelo fato de este candidato já haver sido eliminado pela primeira restrição. Para o candidato (c), entretanto, um número tão grande de violações significa sua saída da "disputa" e, conseqüentemente, a escolha do candidato (a).

Antes de seguirmos adiante, importa salientar que a alteração do segmento final do *output* "jérma" (isto é, a presença de [a] em lugar de [u]) se dá posteriormente à metátese, não sendo consequência de nenhum processo fonético, mas de uma adaptação morfológica por parte do falante: por tratar-se

de um substantivo feminino, imprime-se a marca de gênero através do acréscimo da desinência.

Para finalizar a análise dos dados procedentes da *jeringa*, passemos, agora, ao *input* /otɛ'ɪ/, para o qual selecionamos quatro candidatos, conforme observamos no *tableau* abaixo:

<i>Input:</i> /otɛ'ɪ/ 1234	RhTYPE=Ts	UNIQ	LIN	ONSET
a)[(tɛ.lo)] 2341		*	* 1-2	
b)[(lɛ.tó)] 4321	*	*!	*** 1-2; 2-3; 3-4	
c)[(tɛ'ɪ.o)] 2341		*	* 1-2	*!
d)[(lé.to)] 4321		*	**!*	

Tabela 4: Análise do *input* /otɛ'ɪ/

Da mesma maneira que no exemplo anterior, assistimos à eliminação de um candidato logo de início pelo fato de este haver cometido duas violações ao par de restrições que se encontra no topo da hierarquia. Assim, permanecem na “disputa” os candidatos (a), (c) e (d), apesar de cada um deles haver cometido uma violação à UNIQ: (a) e (d) pelo fato de apresentarem coincidência entre sua primeira sílaba e clíticos da língua espanhola (a saber, *te* e */e*) e o candidato (c) pelo fato de sua primeira sílaba equivaler a uma forma corrente na língua, isto é, a forma truncada “*tel*”, oriunda da palavra *teléfono* ‘telefone’.

Quanto à restrição LIN, cometem três violações cada os candidatos (b) e (d), duas a mais que os candidatos (a) e (c), fato que determina a permanência dos primeiros na “disputa”. Por conta disso, precisamos de uma nova restrição que atue sobre esses dois candidatos e faça emergir a forma ótima: de acordo com a hierarquia acima proposta, essa restrição é ONSET.

Segundo essa restrição, a qual atenta para os padrões de boa formação da língua, sílabas possuem ataque. Assim sendo, uma forma como a representada pelo candidato (c) será considerada impossível na língua espanhola, não apenas por apresentar uma sílaba contendo apenas núcleo, mas também pelo fato de essa sílaba estar precedida de outra terminada em coda. Em consequência disso, emergirá como forma ótima aquela representada pelo candidato (a).

Conclusão

No presente trabalho, vimos que a *jeringa* é um *argot* produzido e utilizado por indivíduos das camadas populares limenhas com o objetivo de afirmar sua identidade frente à cultura instituída, criar laços de cumplicidade com o interlocutor ou expressar sua visão de mundo. Quanto à sua formação, utiliza-se de processos de criação de palavras pra ampliar seu léxico, os quais podem incidir ora sobre sentido, ora sobre forma de uma palavra.

Por ser a metátese um processo de formação de palavras não canônico, tem sido muitas das vezes tratada como marginal e irregular, sendo seu estudo restrito geralmente à diacronia. Dessa forma, buscamos analisar este fenômeno à luz da Teoria da Otimalidade (TO), quadro teórico de inspiração não-derivacional cujo diferencial é a utilização de restrições em vez de regras na análise de fenômenos linguísticos.

Uma vez definidos os postulados da teoria, buscamos estabelecer uma hierarquia de restrições que pudesse dar conta dos dados em questão, a saber, palavras coletadas de uma *coluna de fofocas* de um jornal popular de grande circulação na capital peruana. Vimos que o produto da metátese na *jeringa* caracteriza-se por possuir apenas um pé silábico, não correspondendo a formas pré-existentes na língua e não possuindo sílabas sem ataque.

Outra característica do fenômeno, esta de suma importância, é quanto à obrigação de violabilidade da restrição LINEARITY, uma vez que a metátese se caracteriza pela transposição de sílabas ou segmentos na palavra. Esta

violação, entretanto, possui um limite, uma vez que reordenamentos drásticos tornariam a palavra irreconhecível para o falante/ouvinte, prejudicando sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação na língua (HUME, 2001).

Em suma, o presente trabalho visou a demonstrar por que o usuário de *jeringa* "opta" por determinadas formas em lugar de outras com base em restrições do próprio fenômeno, as quais são capazes de refletir o funcionamento da gramática intuitiva daquele grupo de falantes.

Referências

ABAD, Francisco. *Diccionario de Linguística de la Escuela Española*. Madrid: Gredos, 1986.

BALBÍ, Carmen Rosa. ¿Una ciudadanía desconyuntada o redefinida por la crisis? De 'Lima la horrible' a la identidad chola. In: BALBÍ, Carmen Rosa; CHÁVEZ, Irma. (orgs.). *Lima: aspiraciones, reconocimiento y ciudadanía en los noventa*. Lima: Fondo Editorial PUCP, 1997, p. 11-27.

BAT-EL, Outi. *Stem Modification and Cluster Transfer in Modern Hebrew*. 1992. Dissertação de Mestrado - Tel-Aviv University, Tel-Aviv.

_____. *Phonology and Word Structure in Modern Hebrew*. 1989. Tese de Doutorado - University of California, Los Angeles.

BELCHOR, Ana Paula Victoriano. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

BENDEZÚ NEYRA, Guillermo. *Argot limeño o jerga criolla del Perú*. Lima: Editorial Universo, 1977.

BUTSKHRIKIDZE, Marika; VAN DE WEIJER, Jeroen. On v-metathesis in Modern Georgian. In: HUME, Elisabeth; SMITH, Norval; VAN DE WEIJER, Jeroen (eds.), *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Leiden, NL: HIL Occasional Papers, 2001, p. 91-101.

CABELLO, Ana Rosa Gomes. Linguagens especiais: realidade linguística operante. *Revista UNILETRAS*, v. 24, n. 1, p. 167-182, dez/2002.

CAGLIARI, Luis Carlos. *Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CALVET, Jean-Louis. *L'argot*. Paris: PUF, 1994 (Que sais-je? n° 700)

CARRIÓN ORDÓÑEZ, Enrique. La jerga de los malhechores peruanos. In: IV CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ALFAL, 1975, Lima. *Anais...* Lima: UNMSM, 1978, p. 268-279.

COSERIU, Eugenio. *Lições de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

COSTA, João. *Gramática, conflitos e violações: introdução à teoria da Optimidade*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.

CRYSTAL, David. *Dicionário de Linguística e Fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DAVIDSON, Joseph Orville Jr. *A Contrastive Study of the Grammatical Structures of Aymara and Cuzco Kechua*. 1997. Tese de Doutorado - University of California, Berkeley.

DOR, Daniel. *Deriving the verbal paradigm of Modern Hebrew: A constraint-based approach*. 1993. Dissertação de Mestrado - Stanford University, California.

DRAE: *Diccionario de la Lengua Española*, 22ª ed. (ed. on-line) Disponível em <<http://www.rae.es>>.

DUBOIS, Jean. *Dicionário de Linguística*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

FLEMMING, Edward. Laryngeal metathesis and deletion in Cherokee. *UCLA Working Papers in Linguistics: Cherokee Papers from UCLA*, n. 16, p. 23-44, 1996.

FOLEY, Lawrence. *Phonological Variation in Western Cherokee*. New York & London: Garland Publishing, 1980.

GÁLVEZ, Judith. *Lenguaje jergal*. Lima: Hipocampo Editores, 2002.

_____; MENDOZA, Aída. Latín y jerga: procesos paralelos. *Revista Fabla*. V. 3, n. 3, p. 129-154, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre *et alli*. (Org.). *Otimidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009.

_____; ANDRADE, Kátia Emmerick; RONDININI, Roberto Botelho. Glossário comentado de restrições. In: _____ *et alii.* (Org.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 229-250.

_____; PIZA, Mônica de Toledo. Pequena introdução à Teoria da Otimalidade. In: _____ *et alii.* (Org.). *Otimalidade em foco: morfologia e fonologia do português*. Rio de Janeiro: Publit, 2009, p. 11-44.

HERZALLAH, Rukayyah. *Syncope and epenthesis in Palestinian Arabic: an instance of derivational constraint violation*. 1987. Dissertação de Mestrado - Cornell University, New York.

HEWITT, George. *Georgian: a Structural Reference Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

HORA, Demerval da; TELLES, Stella; MONARETTO, Valéria. Português Brasileiro: uma língua de metátese? *Letras de Hoje*. v. 42, n. 2, p. 178-196, set. 2007

HUME, Elisabeth. Metathesis: formal and functional considerations. In: HUME, Elisabeth; SMITH, Norval; VAN DE WEIJER, Jeroen. *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Leiden: HIL. 2001, p. 1-25.

LEYVA ARROYO, Carlos Alberto. *El cantante peruano Chacalón: música "chicha", mito e identidad popular*. Lima: Ed. Abya Yala, 2005.

MIRANDA, Lupe. Ya fuiste. *Diario Ajá*, Lima (ed. on-line) 08 jun. - 08 jul. 2010. Disponível em <http://www.aja.com.pe/aja/seccion.php?txtSecci_id=50>. Acesso em: 08 jul. 2010.

OSU: The Ohio State University. *Metathesis in language*. Disponível em <<http://metathesisinlanguage.osu.edu/database.cfm>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

RAMÍREZ, Luis Hernán. *Estructura y funcionamiento del lenguaje*. Lima: Derrama Magisterial, 1996.

SABOUNDJIAN, María Ohannesian. *La asignación del acento en castellano*. 2004. Tese de Doutorado - Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

SACEDA ULLOA, Marta. *Adquisición Prosódica en Español Peninsular Septentrional: la Sílabla y la Palabra Prosódica*. 2005. Tese de doutorado - Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona.

VAGO, Robert Michael. *The Sound Pattern of Hungarian*. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1980.

VILA, Neus; CASTAÑEDA, Luz. Hacia un diccionario de parlache: estudio lexicográfico de un argot colombiano. *Quaderni del CIRSIL*, v.3, n. 5, p. 121-134, jan/2006.

YOSHIDA, Shohei. Licensing of empty nuclei: The case of Palestinian vowel harmony. *The Linguistic Review*, v.10, n.2, p. 127-159, 1993.

Recebido em março de 2013.
Aprovado em agosto de 2013.